



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12765 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

PROCESSOS DIALÓGICOS-DIALÉTICOS DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA COMO TRABALHO PEDAGÓGICO E EDUCATIVO COM GÊNEROS DISCURSIVOS SECUNDÁRIOS

Jessica do Nascimento Rodrigues - UFF - Universidade Federal Fluminense

Marcela Tavares de Mello - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Danuse Pereira Vieira - UFF - Universidade Federal Fluminense

PROCESSOS DIALÓGICOS-DIALÉTICOS DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA COMO TRABALHO PEDAGÓGICO E EDUCATIVO COM GÊNEROS DISCURSIVOS SECUNDÁRIOS

Resumo: Intencionamos debater os processos dialógicos-dialéticos de orientação acadêmica na formação de professores-profissionais-pesquisadores. Focalizamos a função de orientar como campo de pesquisa e a centralidade do texto escrito como gênero do discurso e sustentamos a necessidade premente de instauração de um debate mais profundo sobre o problema, não confundido com o ensino técnico da leitura-escrita do texto. No cenário nacional, os dados que vêm à superfície indicam que: a legislação e as políticas brasileiras não apresentam diretrizes nem formação específica em relação à orientação acadêmica; os estudantes vivenciam o sentimento de individualização e o discurso de naturalização dos processos de leitura-escrita, acarretando prejuízos materiais à formação; os professores veem excedidas suas cargas horárias de trabalho e multiplicadas as suas funções. Logo, sinalizamos para a necessidade de uma pedagogia da orientação dependente da interlocução nas comunidades acadêmicas preocupadas com um projeto de educação linguística numa perspectiva omnilateral de educação.

Palavras-chave: Orientação acadêmica, Gêneros discursivos secundários, Educação linguística, Trabalho pedagógico

Questões introdutórias

Neste ensaio, dedicamo-nos a observar as práticas sociais próprias das instituições públicas nas quais trabalhamos e refletir sobre os desafios dos *processos dialógicos-dialéticos de orientação acadêmica* que nos mobilizaram até aqui. Enxergá-los como construção de sujeitos históricos situados em tempos-espacos de uma sociedade como a nossa – de caráter neoliberal –, é também compreender a práxis de professores em cursos de graduação e programas de pós-graduação na formação de professores-pesquisadores-profissionais. Tencionamos compreender o processo de orientar, o que chamamos de *orientação acadêmica*, como campo de pesquisa, considerando a centralidade do texto escrito no sentido de gênero do discurso (BAKHTIN, 2011). Se entendemos que orientar é um trabalho pedagógico e, portanto, educativo (SAVIANI, 2021), se concordamos que trabalho e linguagem se desenvolvem organicamente (VOLOCHINOV, 2013), encontramos aí um caminho fecundo para dialogar com pesquisadores das áreas de educação e estudos da linguagem sobre o processo dialógico-dialético de orientação na formação acadêmica, em especial em cursos de licenciatura. Nesse debate, figura a educação linguística *lato sensu* e uma educação linguística *stricto sensu*, a institucionalizada, produzida na esfera discursiva acadêmica. Com base nos processos dialógico-dialéticos de ensino-pesquisa-extensão por nós experienciados, nas (re)leituras que fazemos de nossos cadernos de campo e no diálogo cotidiano com sujeitos partícipes da esfera discursiva acadêmica, ensaiamos sobre a emergência desse debate.

Problematização

Na literatura nacional, há um contingente considerável de pesquisas que discutem a centralidade dos processos de ler-escrever na formação científica, boa parte interessada na pós-graduação e na publicação de seus produtos. Ademais, têm surgido centros de escrita em universidades públicas brasileiras, boa parte preocupada com a qualificada elaboração e publicação desses mesmos produtos. Todavia, há raras pesquisas sobre a *orientação acadêmica* no processo de leitura-escrita-pesquisa na graduação, sobretudo nas licenciaturas, enquanto trabalho pedagógico (FERREIRA, 2017). Na literatura internacional, é diferente, já que acumula estudos sobre os processos de orientação na graduação e na pós-graduação (MASSI; GIORDAN, 2017). Logo, nossa comunidade acadêmica tem investigado as licenciaturas e, nelas, os processos dialógicos-dialéticos de orientação acadêmica como práxis educativa, como formação omnilateral de sujeitos históricos, porque defendemos um determinado projeto de "educação linguística" (BAGNO; RANGEL, 2005). Para pensá-lo, recuperamos o entendimento de que a educação é produção não material e supõe duas

modalidades: a primeira, que desconecta o produtor e o produto; a segunda, que os imbrica (SAVIANI, 2021). Os textos-objetos (artigos, ensaios, etc.), produtos de nosso trabalho e linguagem, ganham autonomia em relação ao ato responsável-responsivo de produção; a orientação acadêmica, como educação linguística não reduzida ao ensino, embora pressuponha a presença do orientador e do orientando, justapõe os atos de produção e consumo desses textos, o que sinaliza para a insuficiência de cursos rápidos para o ensino de leitura-escrita de textos acadêmicos, ou mesmo de disciplinas curriculares criadas para tanto. Num contexto sócio-histórico-ideológico como o do *capitalismo acadêmico* (SLAUGHTER; LESLIE, 1999), trabalho-linguagem, ainda que processos dialógico-dialéticos, tende à adaptação às exigências do multitarefismo e da celeridade na conclusão de seus produtos - afinal as relações linguísticas se desenvolvem nas relações produtivas (VOLÓCHINOV, 2013). Ademais, não são poucos os pesquisadores que sinalizam para a precarização do trabalho de professores universitários, obrigados à extrapolação de suas cargas horárias para, em fins de semana e feriados, dedicarem-se à escrita individual de seus textos. Dito isso, sustentamos que o empenho por condições de trabalho condizentes com a sua natureza e especificidade deve caminhar com o aprimoramento de práticas sociais fundamentais à formação acadêmica em sua tríplice dimensão, epistemológica, pedagógica e social (SEVERINO, 2016), em cujo centro está a pesquisa, atividade mediadora fundamental.

Processos dialógico-dialéticos de orientação acadêmica

Com base em obras bakhtinianas, consideramos a linguagem um elemento fulcral para a formação intelectual dos sujeitos, conforme frisa Geraldi (2015), para quem a historicidade (e seus eventos discursivos), a contínua formação humana (e a polifonia e o dialogismo que isso representa) e o contexto mediato e imediato de interlocução dos discursos (e as ideologias que os atravessam e sustentam) são eixos que explicam o fato de a linguagem ser “condição *sine qua non* na apreensão e formação de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir” (GERALDI, 2015, p. 34). Dado o sentido medular da linguagem na vida humana, acentuamos o papel axial do texto escrito, porque produzido no espaço da interlocução como processo, não prescindindo de saberes (produzidos coletivamente nas práticas sociais situadas) e de conhecimentos (também produzidos coletivamente pelas áreas e seus métodos, mas registrados e divulgados na esfera acadêmico-científica) (GERALDI, 2015). Entendemos que nós, nos papéis sociais assumidos e em espaços-tempos específicos, produzimos um “repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica” instaurado pelas relações de produção material e não material da vida. Referimo-nos, aqui, aos gêneros discursivos como tipos de comunicação verbal e de enunciados que movimentam a história da sociedade e da linguagem (BAKHTIN, 2011), produzidos intencional e situadamente. Nesse sentido, os gêneros secundários, mais complexos, como as teses, as monografias e os artigos, são textos-enunciados produzidos em determinada esfera da atividade humana que, como a academia, estrutura sua criação,

circulação e recepção.

Para Delcambre e Reuter (2015), existem três espaços de escrita na esfera discursiva acadêmica: o primeiro, a escrita acadêmica para a validação dos estudos desenvolvidos nos cursos; o segundo, a escrita acadêmica como processo de formação; e a terceira, a escrita de pesquisadores. Interessa-nos investigar o segundo tipo de escrita, considerando que monografias, dissertações e teses, gêneros discursivos secundários, constituem a formação de pesquisadores-professores-profissionais que produzem conhecimento na práxis. Por isso, priorizamos a orientação como uma das atividades especializadas desempenhadas por professores universitárias; porém, esclarecemos que os papéis de pesquisadores e o de orientadores, como retrata Machado (2012), são diferentes, embora se confundam, havendo um apagamento deste, que, tratado de modo genérico e/ou confundido com aquele, é vital no processo formativo para a pesquisa e a docência. Santos, Perrone e Dias (2015) enfatizam as relações estabelecidas entre orientadores e orientandos, considerando que seu relacionamento é um ponto relevante no processo de formação na pós-graduação e um fator que colabora para o prosseguimento ou desistência dos estudantes. Isso não é diferente no processo de formação na graduação, quando a leitura e a escrita são apontadas como fatores estruturantes dessa relação. É factual que, não atendendo às demandas de leitura-escrita de gêneros acadêmicos, não só a formação para a docência e a pesquisa, mas também a própria permanência de estudantes nos cursos é comprometida.

Azevedo e Therrien (2012) realçam, em um dos poucos estudos que analisam o processo de produção de monografias na Pedagogia, que a orientação é atividade inerente à aprendizagem do trabalho docente. Criticando o foco dos estudos na orientação de trabalhos de pós-graduação, os autores, além de explicar que professores universitários costumam "fugir" dessa atividade na graduação, por julgá-la complexa e laboriosa, explicitam que se aprende a orientar baseando-se nas experiências vividas e na prática em que se assume tal função. Logo, a experiência de ter sido orientado/a torna-se o guia de professores para desenvolver essa função educativa (MACHADO, 2012). Por isso, refletimos sobre a orientação acadêmica nas licenciaturas de nossa instituição, mediante estudo da sua Política Institucional de Formação Inicial e Continuada de Professores (2018) e dos PPC de seus 18 cursos, a fim de mapear as funções da orientação na produção monográfica, assim como analisamos os discursos de estudantes acerca dos processos de orientação da monografia, por meio de aplicação de questionário semiestruturado (2022) e realização de grupos focais (2023, em andamento). Por um lado, são quase nulas as referências à orientação acadêmica, confirmando as nossas hipóteses, baseadas no fato de que a legislação e as políticas públicas brasileiras, conforme Garcia, Bonfim e Gomes (2021), não apresentam a função da orientação nem a formação específica para realizá-la. Por outro, a dificuldade de diálogo com os licenciandos respondentes - muitos dos quais não quiseram participar por receio da quebra do anonimato (Cadernos de campo, 2022) - revela a força das relações ideológicas, hierárquicas e de poder na manutenção dos lugares sociais historicamente marcados na academia. Ainda, em nossas atividades de ensino e extensão, desde 2019, com professores e licenciandos, não

tem sido diferente. Em rodas de conversa, oficinas de leitura-escrita, cursos de projeto de pesquisa etc., o dado que vem à superfície é o sentimento de individualização e a naturalização dos processos de leitura-escrita da monografia, assim como a responsabilização exclusiva da educação básica. No contexto de capitalismo acadêmico, que multiplica as nossas funções na esfera universitária, a carência de aspectos didático-pedagógicos na orientação acadêmica dos licenciandos, futuros professores, aponta para a necessidade de uma *pedagogia da orientação* que só será possível pela interlocução nas comunidades acadêmicas preocupadas com um projeto de educação linguística numa perspectiva omnilateral de educação.

Algumas considerações

Os processos dialógico-dialéticos de orientação acadêmica decorrem de trabalho pedagógico e educativo de professores, estudantes e comunidade acadêmica, sujeitos sócio-historicamente situados, em formação coletiva, nas dimensões epistemológica, social e pedagógica. Todavia, a realidade concreta move-se nas linhas neoliberais que traçam uma educação para o mercado e sustenta práticas apressadas de produção de produtos científicos. Trata-se de um fazer ciência com base no pragmatismo utilitário, que formata e controla as pesquisas e os seus pesquisadores. Para a crítica e o enfrentamento desse quadro, precisamos entender: (i) a universidade como uma instituição educativa, como esfera discursiva cujos sujeitos sociais produzem saberes e conhecimentos dialética e dialogicamente, mantendo mas também modificando a realidade concreta; (ii) a orientação acadêmica, como trabalho pedagógico coletivo de produção do conhecimento, indispensável à formação da postura investigativa necessária a todo e qualquer professor, o que não acontece isentando-se os gêneros discursivos secundários como mediadores de todo esse processo educativo e, portanto, político.

Referências

AZEVEDO, M.; THERRIEN, J. O trabalho docente de orientação à pesquisa: racionalidade pedagógica, saberes e práticas emergentes em curso de graduação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 16, 2012, Campinas. **Anais...** Campinas, SP: Junqueira & Marin Editores, 2012, v. 01. p. 1-10.

BAGNO, M.; RANGEL, E. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DELCAMBRE, I.; LAHANIER-REUTER, D. Discurso de outrem e letramentos universitários. In: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS, J. A. (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 225-250.

FERREIRA, L. S. Comunidade acadêmica: a orientação como interlocução e como trabalho pedagógico. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 39, n. 1, p. 103-111, 2017.

GARCIA, P. M. de P.; BONFIM, C. S.; GOMES. O(s) processo(s) de orientação: reflexões a partir de casos históricos e hipotéticos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 850-865, 2021.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Ed., 2015.

MACHADO, A. M. N. A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 60-81.

MASSI, L.; GIORDAN, M. Formação do orientador de pesquisas acadêmicas: um estudo bibliográfico nacional e internacional. **Revista Brasileira de Pós-graduação**, Brasília, v. 14, p. 1-19, 2017.

SANTOS, A. S.; PERRONE, C. M.; DIAS, A. C. G. Adaptação à pós-graduação stricto sensu: uma revisão sistemática de literatura. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 141-152, 2015.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 12. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. **Academic capitalism: politics, policies and the entrepreneurial university**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Ed., 2013.